

A institucionalidade brasileira no fio da navalha

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo:

O artigo aborda o tensionamento constante que o governo Bolsonaro gera em relação ao establishment constitucional brasileiro, circunstância que não apenas revela sua personalidade autoritária, como também evidencia que sua estratégia de poder consiste em governar sempre através do colapso social em nome de interesses personalistas obscuros e antidemocráticos.

Palavras-Chave: Colapso; Democracia; Autoritarismo; Ódio Político.

The brazilian institutionality on the razor edge

Abstract:

The article addresses the constant tension that the Bolsonaro government generates in relation to the Brazilian constitutional establishment, a circumstance that not only reveals its authoritarian personality, but also shows that its power strategy consists of always governing through social collapse in the name of obscure and undemocratic personalistic interests.

Keywords: Collapse; Democracy; Authoritarianism; Political hatred.



* RENATO NUNES BITTENCOURT é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor da FACC-UFRJ.

Os adversários tradicionais das Luzes, obscurantismo, autoridade arbitrária, fanatismo, são como cabeças de Hidra que renascem assim que são cortadas, pois tiram sua força das características dos homens e de suas sociedades tão desenraizáveis quanto o desejo de autonomia e de diálogo

(TODOROV, 2008, p. 150)

Introdução

O governo Bolsonaro se caracteriza, em seu cerne, pelo projeto de destruição institucional do Brasil. Em todas as esferas de sua atuação governamental vemos uma ação planejada de colapso de nossa estrutura social-republicana em prol da manutenção de um projeto de poder que faz do caos o seu *modus operandi* ideal para ratificar de forma hegemônica seu autoritarismo, seu nihilismo e seu descomprometimento com a democracia substantiva. Há aqueles que alegam incompetência no manejo presidencial de Bolsonaro. Considero tal interpretação ingênua ou imprecisa. Há uma arquitetura da destruição que subjaz naquele que ocupa o cargo de presidente da república sob o lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, em seus operadores políticos e na estúpida claqué que se gloria com os arroubos disruptivos desse governo que vive através da legitimação política do ódio e do sufocamento das instâncias constituintes da boa ordenação democrática da sociedade. Aliás, cabe ainda destacar que muitos cristãos cretinos que sustentam o caráter autoritário de Bolsonaro deixaram de louvar o Deus dos Exércitos para adorarem cegamente um “deus das milícias”.

Bolsonaro, inimigo da Democracia

Podemos afirmar que o Brasil é um país de democracia ainda não amadurecida. No decorrer de nossa formação republicana tivemos poucos períodos de substancialidade democrática em nossas instituições. Estruturas conservadoras-autoritárias enraizadas em nossa formação social e a traumática experiência ditatorial

do governo militar deixam nossa constitucionalidade democrática ainda em terreno fluido. Por isso, através do fortalecimento dos desavergonhados discursos reacionários da direita xucra, as nossas bases democráticas são tão vituperadas por personalidades excrementícias que sempre apelam por procedimentos golpistas e o inerente fechamento do regime: “Os setores formais, a Constituição, a democracia, não passam de entraves para o poder dos mais fortes” (MANSO, 2020, p. 129).

Grande parte de nossa estrutura parlamentar e judiciária reproduz as nossas cisões sociais históricas, daí a desconfiança de diversos segmentos populacionais em relação aos seus afazeres e pouco se engajam pela defesa republicana das instituições. Qualquer pessoa sensata, mesmo reconhecendo que a substancialidade de nosso legislativo e judiciário são elitistas e corporativistas, não ousam jamais propor que tais esferas sejam submetidas aos arbítrios delirantes de um poder executivo leviano, autoritário e sequioso por impor suas decisões pela força. Não podemos esquecer do fato de que Bolsonaro sempre estabeleceu a dinâmica da inimizade política como o fundamento governamental crucial para que consiga implementar seus intentos nebulosos. A sua violência discursiva, evidentemente desagradável, escamoteia uma violência interior, que anseia pela destruição de tudo aquilo que é diferente, oponente. Ora, ao vislumbrarmos aniquilar o outro, perdemos qualquer senso agonístico na existência, e assim nos tornamos doentias pessoas autocentradas

incapacitadas em reconhecer os signos da diferença axiológica e o quanto elas são importantes para nosso próprio florescimento pessoal. Todavia, Bolsonaro não reconhece nada além de si mesmo. Assim temos talvez em seu modo de ser um solipsismo autoritário que faz de seu ódio ao vivo, seu ódio ao mundo, um grande orgasmo de vida empobrecida. Para Aguinaldo de Bastos, Alexandre Marques Cabral e Jonas Rezende,

A violência torna-se o mecanismo necessário de manutenção de uma existência impotente para singularizar-se em meio à pluralidade de embates com a alteridade [...]. Somente uma existência produtivamente impotente pode acreditar que a aniquilação do outro é o preço a ser pago para o restabelecimento de seu modo de ser (BASTOS, CABRAL & REZENDE, 2010, p. 142; p. 143).

Bolsonaro pretende fazer do governo e da máquina estatal extensões de sua vontade, como uma fusão identitária todo-poderosa que não pode ser questionada por ninguém. Por conseguinte, seu poder e sua autoridade deveriam, em seu sonho ditatorial, emanar de forma pura, sem mediações, no ato de concretização dos seus desejos, desejos esses explicitamente antirrepublicanos. Esse é o aspecto teocrático-messiânico em sua liderança política, implementar todos os seus projetos como se fossem a emanção da vontade divina, de um deus da carnificina, cabe ressaltar. Bolsonaro anseia por um regime de exceção não para salvar o Brasil de uma catástrofe, mas para salvaguardar os interesses dos seus familiares e dos seus cúmplices no projeto de destruição nacional.

Nossa constituição-cidadã que superou os traumas da ditadura militar prima pela democracia liberal. Mas a própria democracia liberal é frágil politicamente e incapaz de promover as reformas

estruturais fundamentais para o fortalecimento do tecido social brasileiro, mediante a redução incondicional das desigualdades socioeconômicas que marcam nossa trajetória nacional: “Sem direitos de cidadania efetivos a democracia é apenas uma ditadura mal disfarçada” (SANTOS, 2011, p. 125). Ainda que governanças mais progressistas tenham capitaneado políticas públicas inclusivas, as bases plutocráticas que orquestram o nosso establishment não foram radicalmente afetadas. O projeto de conciliação de classes, ainda que taticamente razoável em curto prazo, revela suas contradições políticas sempre que surge uma grande crise econômica.

No processo de degradação institucional do Brasil, não é se estranhar que exista uma claqué reacionária que legitime todas as aviltas antidemocráticos de Bolsonaro, pois essa chusma odiosa encontra no vil presidente uma figura que amalgama o seu ódio e o seu ressentimento contra os seus propalados inimigos, sejam os partidários da esquerda, sejam os pobres, os gays, as mulheres e quaisquer outros segmentos, conforme a orientação ideológica do apoiador de Bolsonaro. Muniz Sodré salienta que

O ódio é o substrato sensível dos protofascismos emergentes, na medida em que cauciona o estado de guerra permanente e inerente a essas formas de exacerbação autoritária, portanto, uma das principais figuras da disrupção atual da sociedade civil (SODRÉ, 2021, p. 230).

O “cidadão de bem” que opta por defender um projeto político de ruptura institucional é alguém motivado pelos mais baixos afetos, mas ainda podemos assim tolerar provisoriamente tamanha estultícia. Contudo, o que é ainda mais perigoso para o futuro democrático do Brasil consiste em poderosos segmentos de nosso empresariado que desviam o olhar perante as atrocidades cometidas por

Bolsonaro e sua trupe em nome de uma rentabilidade espoliadora que coloca em risco a própria subsistência de nossa sociedade e de nossa infraestrutura. Rubens Casara aponta que

A normatividade neoliberal estimula que as relações sociais acabem coisificadas para serem tratadas à luz de cálculos econômicos. As relações sociais neoliberais são sempre percebidas como relações comerciais, de consumo ou financeiras [...]. A racionalidade neoliberal deseja indivíduos sem conhecimento, apartados da vida pública e inertes para que não prejudiquem os negócios e a acumulação tendenciosamente ilimitada de capital (CASARA, 2021, p. 244-245; p. 267-268).

Trata-se de uma lógica de mercado acanalhada defensora do mote “ultraliberal na economia, reacionária nos costumes”, que não hesita em apoiar uma governança truculenta em prol dos seus interesses financeiros imediatos e assim prospere economicamente através do empobrecimento absoluto da população, precarizada e adoecida: “O governo do mercado fundado na concorrência e na empresa deve velar para que todo mundo se encontre em um estado de igual desigualdade” (LAZZARATO, 2011, p. 22).

As finanças adoram governanças autoritárias. A rentabilidade da casta empresarial é alçada como a grande meta da necropolítica. A Bolsa de Valores não se importa com as queimadas no Pantanal e na Amazônia, a Bolsa de Valores não se importa com o massacre dos povos indígenas, a Bolsa de Valores não se importa com os favelados assassinados em operações policiais, a Bolsa de Valores não se importa com o desprezo pelas vidas humanas perdidas pela COVID-19, a Bolsa de Valores não se importa com a promiscuidade entre grupos milicianos e a máquina governamental, a Bolsa de

Valores não se importa com o desprezo de Bolsonaro pela nossa democracia cada vez mais ameaçada. Lucro acima de tudo, e para isso nada melhor do que aviltar direitos sociais e destruir nosso estofo republicano. Jessé Souza aponta que

O bolsonarismo utiliza as contradições sociais para manter o clima de guerra social constante – precisamente o *modus operandi* miliciano: ameaçar e chantagear o tempo todo para extorquir o máximo possível (SOUZA, 2020, p. 186).

Já repetimos ad nauseam o descompromisso de Bolsonaro com o bem-estar social do povo brasileiro como um todo, e sua política errática de enfrentamento da pandemia da COVID-19, o desmantelamento da universidade pública em nome do desprezo pela razão, a demonização da imprensa livre e independente, a destruição desenfreada da natureza, a cooptação e o aparelhamento de órgãos públicos para que sirvam aos seus interesses escusos são os exemplos mais grotescos de um despotismo autoritário e disruptivo que traz consequências penosas para a sociedade brasileira. Para Bolsonaro pouco importa a qualidade de vida do trabalhador brasileiro, o que de fato faz parte de sua agenda é a militarização social, de modo a promover um armamentismo reacionário que fortaleceria milícias de todos os tipos para defender o seu regime de qualquer ameaça de enquadramento constitucional. Nada em Bolsonaro é aleatório, tudo é planejado para que o caos global se acople em nossa difícil realidade institucional. Por isso devemos nos abster de chamá-lo de louco. A força carismática de Bolsonaro nasce do ódio ao diferente e mesmo pela aversão perante tudo o que é vivo e alheio ao seu micromundo patrimonialista. Conforme a interpretação de André Duarte,

Um presidente que opera politicamente segundo o critério de eliminação daqueles que não vivem à sua imagem e semelhança não poderia senão sentir desprezo por qualquer outra vida que não a sua própria e a de seus familiares, os filhos em primeiro lugar (DUARTE, 2020, p. 28).

Nenhum político é obrigado a transmitir em sua imagem pública e em seus discursos a aura da santidade e o irenismo moral, tal como muitas figuras proeminentes dos quadros dos poderes institucionais se caracterizam. Bolsonaro, para ratificar sua verve de “homem do povo” (cujos procedimentos administrativos, aliás, sempre prejudicam essa categoria genérica), não economiza na verborragia agressiva contra qualquer desafeto, ganhando assim a admiração dos apoiadores mais rústicos, que enxergam nessa agressividade discursiva um sinal de autenticidade moral. Suas ações de inconformidade com a aplicação das regras sanitárias no combate da pandemia da COVID-19 exemplificam o seu gozo doentio pela desinformação, pela atomização social e pela confusão comportamental. Para Muniz Sodré,

Na ausência de pausa reflexiva, a rapidez da mensagem solicita e potencializa o efeito mimético do ódio, ao modo de um rastilho de pólvora, que apenas aguarda a fagulha para explodir em atos (SODRÉ, 2021, p. 231).

Nada de máscaras, nada de distanciamento social, nada de assepsia. Para Bolsonaro e seus seguidores todas as medidas assépticas são parte de um complot comunista para instauração de uma sociedade pretensamente desprovida de liberdade, isto é, a distorcida compreensão ultraliberal de liberdade como a capacidade de se fazer o que se quer sem se sujeitar ao arbítrio social. Rubens Casara aponta que

Há uma normatividade neoliberal que precisa ser seguida e todos aqueles que tentam agir de maneira diferente tornam-se também indesejáveis e passam a ser tratados como inimigos a serem destruídos (CASARA, 2020, p. 137).

Os segmentos “liberais” da sociedade brasileira usualmente contemporizam as bravatas de Bolsonaro contra nosso sistema institucional, apresentando um leviano descrédito em relação aos anseios golpistas do presidente com pretensões ditatoriais. Políticos desse naipe e ideólogos irenistas consideram talvez que Bolsonaro seja um inseto agressivo que é desprovido de ferrão, ou ainda um cachorro raivoso que esbraveja demais, mas apenas permanece no plano retórico. O grande problema político de se dar margem para tais afrontas é que a dimensão da fala, quando desprovida de qualquer freio moral, se torna um constante convite para que se faça na prática o que permanece como anseio. A mídia hegemônica apresenta material farto dos impropérios antirrepublicanos de Bolsonaro, e não hesita em proclamar, para talvez acalmar os ânimos da opinião pública que acompanha os noticiários, que esses posicionamentos presidenciais são destinados para deixar em estado de alerta continuado sua base política mais intransigente. Repete-se sempre a cantilena da solidez das nossas instituições, de que o legislativo e o judiciário são poderes independentes, dentre outras palavras cada vez mais vazias em nosso processo de erosão democrática. Há elementos perigosos que dão suporte material para os impropérios de Bolsonaro, e essa súcia está disposta a cometer atos terroristas em prol da desestabilização do Brasil. Quando a esquerda de uma forma geral denuncia com veemência os rompantes golpistas de Bolsonaro, os liberalóides consideram essa preocupação um exagero. Sempre é

necessário adotarmos cautela perante quem não respeita os fundamentos do regime democrático. Em países de maior solidez democrática uma palavra disruptiva tal como enunciada por Bolsonaro promoveria a sua defenestração política.

O presidente com físico de atleta sonha em amedrontar todos aqueles que não se submetem ao seu crivo com paradas militares e tanques imponentes. Contudo, nem mesmo um pangaré Bolsonaro é capaz de conduzir, com todo respeito ao pangaré. No entanto, o perigo dos rompantes presidenciais reside no desejo de sua base extremista, em um ato ensandecido, romper nas ruas com seus atos avassaladores, e assim conquistar o poder absoluto graças aos esforços violentos dos seus apoiadores. Bolsonaro anseia assim se sentar no trono ditatorial mediante os empreendimentos dos seus sequazes. Enquanto isso promove aglomerações indevidas e badernas com seus amigos motoqueiros para pavonear sua pretensa virilidade. Marcia Tiburi indaga: “O cidadão que adere à massa fascista perde a sua condição de sujeito autônomo, mas ele teria sido em algum momento um sujeito autônomo?” (TIBURI, 2019, p. 197).

A intelligentsia burguesa auxiliou indubitavelmente para o florescimento do projeto Bolsonaro, ao alardear uma pretensa polarização política no Brasil entre a esquerda petista e a direita xucra capitaneada na figura de um parlamentar fisiológico e oportunista que enriqueceu ao longo dos mandatos sem apresentar nenhuma proposta política pertinente. É má-fé falar de polarização política no Brasil, pois a esquerda petista, com todos os seus avanços conquistados, foi extremamente conciliatória e capaz de trazer para seu estofo governamental proeminentes figuras da direita liberal e mesmo conservadora. Bolsonaro jamais

teria cacife para enfrentar um partido comunista de forte inserção social.

Bolsonaro é o presidente que estabelece muros, e não pontes. Isso ocorre não por dificuldades no traquejo político, mas por sua estratégia de tensionamento constante entre as esferas institucionais. Mesmo que sua personalidade seja histriônica e adepta da deselegância no trato, apresentar-se publicamente, quando contrariado, em estado de descontrole nervoso é uma maneira grosseira de lhe conceder uma aura de pessoa genuína que não se cala jamais e que sempre apresentará suas convicções. Bolsonaro necessita da crença em uma polarização política para fortalecer seu capital político e se apresentar heroicamente como o defensor da pátria contra os seus “inimigos”. Bolsonaro desconfia não apenas da comida que lhe é servida, mas também da legitimidade do sistema eleitoral. Em caso de vitória nas urnas, a fraude foi desbaratada. Em caso de derrota, as urnas foram violadas e assim o processo eleitoral deve ser invalidado. Daí sua inescrupulosa defesa do retorno ao voto impresso, tática típica do cabresto coronelista para coagir eleitores em situação de vulnerabilidade geográfica para que escolham os candidatos determinados por latifundiários, milicianos e outras organizações criminosas que estabelecem relações promíscuas com a máquina governamental. A democracia obviamente não se resume ao processo eleitoral, pois mesmo através dos pleitos podemos escolher figuras anômalas que ao fim e ao cabo apresentam características que violam as próprias bases democráticas nas quais sustentamos nossa institucionalidade. Eleger um candidato que propõe uma determinada agenda e na prática posterior descumpra o seu ideário político. Contudo, atacar a legitimidade do processo eleitoral é um dos procedimentos mais vis que uma figura política pode

empreender, em especial quando ela mesma não possui qualquer prova que corrobore suas denúncias, tal como feito constantemente por Bolsonaro. Precisamos assim permanecer atentos acerca das suas reais intenções ao vituperar contra o sistema de votação eletrônica. Fomentar um Golpe de Estado? Estimular desordem civil entre seus eleitores mais enraivecidos? Conforme argumenta Michael Sandel,

Democracia não quer dizer igualdade perfeita, mas de fato exige que os cidadãos compartilhem uma vida comum. O importante é que pessoas de contextos e posições sociais diferentes encontrem-se e convivam na vida cotidiana, pois é assim que aprendemos a negociar e respeitar as diferenças ao cuidar do bem comum (SANDEL, 2012, p. 202).

Pessoas insatisfeitas com a gestão Bolsonaro afirmam que o horrendo presidente nada faz. Ledo engano, infelizmente. Não se trata de uma gestão inoperante ou incompetente, mas sim de uma organização sistemática de destruição do tecido social brasileiro, de modo a precisamente instaurar as condições concretas para manter a população enfraquecida e incapaz de se unir pela defesa de sua dignidade cidadã. Aliás, para Bolsonaro, o indivíduo somente é livre se possuir armas de fogo. Diplomas universitários, livros, cultura, mesmo as condições básicas da vida como boa alimentação e saúde de qualidade não importam para o militarismo bolsominion, apenas fuzis, pistolas, revólveres. Quanto maior o poder de fogo, melhor. Essa é a noção de cidadania para Bolsonaro, uma população armada e mobilizada para participar de uma guerra civil e defender seu governo autoritário-teocrático-irracionalista. Conforme salienta Franco Berardi, “Expectativas frustradas, somadas ao individualismo frustrado, não levaram ao ressurgimento da

solidariedade, mas só a uma ânsia desesperada e ao desejo enfurecido de aniquilação” (BERARDI, 2019, p. 9).

Usualmente tentamos categorizar a personalidade de Bolsonaro nos mais diversos matizes possíveis: “fascista”, “psicopata”, “genocida”, dentre outros adjetivos infamantes. Toda definição não dá conta da totalidade de signos e sentidos de uma pessoa, não importa o teor de seu caráter. É inegável que existe um gozo discursivo ao se denominar Bolsonaro com algum adjetivo contundente (ainda que semanticamente impreciso), mas de nada adianta palavras indignadas propagadas em painéis, protestos e postagens em redes sociais se elas não são acompanhadas de ações concretas que neutralizam as suas indébitas ações presidenciais. Nessas condições, muito mais importante do que definir a figura de Bolsonaro, o crucial, em nosso momento de colapso institucional, consiste em frear o seu projeto niilista de destruição da sociedade brasileira, e para tanto não serão virtuosas e pomposas notas de repúdio que impedirão maiores prejuízos institucionais para o Brasil. Sabemos com certeza que Bolsonaro é avesso ao espírito republicano e intrinsecamente autoritário, tal como muitas figuras públicas também o são e encontram respaldo nesse horrendo exemplo para que perpetuem suas ações descompromissadas com a democracia. Conforme argumenta Marcia Schuback,

O fascismo – sempre conservador e reativamente reacionário – quer manter a forma de sentido e de valor para assegurar a diluição dos sentidos e dos valores e, assim, minar toda crítica, censurar toda insurgência (SCHUBACK, 2020, p. 55).

A gestão Bolsonaro coloca em xeque nossa adesão ao Amor Fati. Como não se encolerizar, como não se irritar, mas sim, “amar”, uma governança disruptiva que usualmente faz aflorar nossos afetos mais

corrosivos? Com efeito, muitas pessoas do campo progressista se atormentam psiquicamente a cada indignidade, a cada factóide, a cada cortina de fumaça operacionalizada por Bolsonaro ou seu séquito de políticos necrófilos. A estratégia de Bolsonaro e seus sequazes consiste justamente em extenuar as forças psíquicas daqueles que amam a democracia e a dignidade da pessoa humana. Trata-se assim da aplicação de uma das mais violentas formas de política dos afetos tristes. No fundo, Bolsonaro anseia pelo ódio de todos aqueles que são imputados como “comunistas”, conforme sua tacanha lógica binária da inimizade que aglutina todos os que lhes são críticos, inclusive liberais, esquálidos sociais-democratas e outros espectros mui distantes de qualquer projeto minimamente reformista em relação ao sistema capitalista agressivo no qual estamos imersos. Bolsonaro sabe que ao extrair o ódio dos seus desafetos suga-lhes a energia vital, tal como um vampiro político. Bolsonaro anseia que somente seus seguidores vivam intensamente a existência, enquanto todos os demais sejam miseráveis, impotentes, desvitalizados. Não por pudor cristão ou por disciplina budista, não por uma transcendência da mente em relação aos acidentes do mundo político, mas por questões fisiológicas devemos, se possível, nos abster de odiar Bolsonaro e suas marionetes. Trata-se de um exercício árduo, que exige paciência, autocontrole, mas que talvez seja o procedimento mais adequado para que não adoeçamos diante dos seus comportamentos propositalmente erráticos. Afinal, podemos atuar no combate ao adversário da democracia sem que a virulência do ódio nos atinja.

Bolsonaro anseia permanecer em estado contínuo de visibilidade midiática através das suas emissões ruidosas. Mesmo a redação de um texto analisando as diatribes de Bolsonaro contra as nossas

instituições democráticas exige que tenhamos sangue frio, nervos de aço, pois corremos o risco de nos deixarmos envenenar pelas suas virulências habituais. Criticar sem odiar, eis talvez uma salutar tática de sobrevivência perante nossa miséria política na era Bolsonaro. Saber atuar politicamente em todas as linhas de frente na contestação ao projeto niilista de Bolsonaro, sem se contaminar pelo espírito de ressentimento e seus inerentes derivados vingativos é indubitavelmente uma forma de mantermos a capacidade de encontrarmos forças em nosso âmago para continuarmos a cada dia na luta por uma sociedade brasileira que se torne efetivamente democrática. As mobilizações multitudinárias em contestação ao niilismo de Bolsonaro expressam o amor pela democracia, pela inclusão social, pelo combate ao racismo e ao fascismo de mercado. Mesmo nas circunstâncias adversas da pandemia da COVID-19 essas forças progressistas enfrentaram o temor da contaminação para que a marcha destrutiva de Bolsonaro sofresse um bloqueio em sua sanha disruptiva, e essa associação coletiva de corpos políticos se torna um escudo democrático que amedronta aqueles que somente conseguem governar através de dispositivos autoritários. Para Judith Butler, “O discurso insurrecional torna-se a resposta necessária à linguagem injuriosa, um risco que assumimos em resposta quando somos colocados em risco, uma repetição na linguagem que impõe a mudança” (BUTLER, 2021, p. 267).

No enfrentamento ao processo de destruição institucional operada por Bolsonaro, convém que divergências ideológicas e programáticas, desde que os pontos comuns residam no fortalecimento da coisa pública brasileira e seus organismos, assim como pela preservação dos direitos sociais cada vez mais

espoliados. Alianças táticas são sempre fluidas e provisórias, mas imediatamente úteis para mobilizar diversos setores insatisfeitos com os rumos obscuros do governo Bolsonaro. Daí a importância política de mobilizações democráticas que agreguem o máximo possível dos corpos vivos daqueles que desejam uma sociedade soberana. Segundo Leonardo Avritzer,

No capitalismo global em que vivemos, a rua é o único espaço que não tem nenhum controle econômico e nenhuma interpretação preconcebida. Esse é o único local onde a democracia pode ser exercida em sua plenitude (AVRITZER, 2016, p. 67).

Conforme enunciado linhas acima, a ação de enfrentar uma governança autocrática pode perfeitamente nascer de um afeto poderoso como o amor, ainda que esse amor possua mãos fortes para debelar a resistência agressiva do adversário. Enfrentar uma figura autoritária que flerta com o fascismo de mercado é como um procedimento cirúrgico no qual extirpamos o câncer que nos consome. Não odiamos a doença, mas também não somos obrigados a conviver tranquilamente com ela em nosso organismo em um processo degenerativo de aniquilação pessoal. Ou, aproveitando o infeliz momento da pandemia da COVID-19, precisamos controlar a contaminação do coronavírus e precisamos eliminar da sociedade brasileira o vírus do fascismo que sempre se reconfigura nas personalidades disruptivas. O mesmo tipo de disposição podíamos encontrar nas grandes lideranças revolucionárias que nos precederam: a inevitável eliminação das forças reacionárias nessas lutas que exigiam sacrifícios em nome de uma causa maior não era um ato de ódio ao mundo, mas sim de afirmação do mundo e das novas formas de vida que surgiam no

horizonte de uma sociedade emancipada. Paulo Freire, tão odiado pela direita reacionária, apresenta com precisão essa ideia:

Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor. Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor. Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser. Os opressores, violentando e proibindo que os outros sejam, não podem igualmente ser; os oprimidos, lutando por ser, ao retirá-lhes o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão (FREIRE, 2005, p. 48).

Apesar de Bolsonaro e seu rastro destrutivo na sociedade brasileira, urge que tenhamos ânimo forte para continuar sorrindo e vivendo. Esse projeto autoritário pode aniquilar tudo, menos a própria vida que se renova sempre, e essa é a maior derrota de Bolsonaro: o seu apreço pela morte, o seu apelo pela morte à vida não conseguirá prosperar infinitamente.

Considerações finais

O desmonte da coisa pública brasileira, o caos ambiental e o desastre sanitário da contenção da COVID-19 evidenciam os traços perversos de Bolsonaro em conduzir nossa sociedade ao abismo. Podemos afirmar corajosamente que o governo Bolsonaro apodrece, mas é precisamente nesse estado de putrefação que as condições perigosas se tornam mais intensas. Estamos vivenciando um processo diário de degradação

institucional, e não podemos desviar o olhar para tamanhas atrocidades, acreditando que a “mão invisível” da democracia liberal irá encerrar tais calamidades quando Bolsonaro alcançar o ápice de sua destrutividade governamental. Em verdade podemos afirmar que esse momento já aconteceu antes mesmo de sua posse presidencial quando a campanha do medo e do ódio venceu a esperança e o amor, mas no decorrer de sua gestão aguardamos pacientemente pelo seu enquadramento constitucional, algo que nunca ocorreu. Nessas condições, até quando iremos suportar os excessos de Bolsonaro? Precisamos depender do desembarque dos militares e do grande empresariado do governo Bolsonaro para que possamos retomar nosso processo de orientação democrática na sociedade brasileira? Necessitamos de uma alternativa radical, livre, destemida e sem qualquer tipo de conluio escuso com setores corporativas para que possamos restaurar no Brasil as condições para uma genuína democracia substantiva, onde o bem-estar da pessoa humana seja a meta maior da gestão política, e não a satisfação de rentistas, empresários escroques e organizações criminosas que parasitam a coisa pública. Para que tomemos em nossas mãos a reedificação democrática do Brasil, urge que eliminemos o mito e tenhamos conosco a razão crítica, a razão dialógica, a razão da amizade e do amor.

Referências

- AVRITZER, Leonardo. **Impasses da Democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BASTOS, Aguinaldo de; CABRAL, Alexandre Marques; REZENDE, Jonas. **Ontologia da Violência: o enigma da crueldade**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2010.
- BERARDI, Franco. **Depois do Futuro**. Trad. de Regina Silva. São Paulo: UBU, 2019.
- BUTLER, Judith. **Discurso de Ódio: uma política do performativo**. Trad. de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Ed. UNESP, 2021.
- CASARA, Rubens R. R. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Contracorrente, 2020.
- _____. **Contra a Miséria Neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- DUARTE, André. **A pandemia e o pandemônio: ensaio sobre a crise da democracia brasileira**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LAZZARATO, Maurizio. **O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal**. Trad. de Renato Abramowicz Santos. São Carlos: EDUFSCAR, 2011.
- MANSO, Bruno Paes. **A República das Milícias: dos esquadrões da morte à Era Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.
- SANDEL, Michael J. **O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado**. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma revolução democrática da justiça**. São Paulo: Cortez, 2011.
- SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. **O fascismo da ambiguidade: um ensaio conceitual**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 2020.
- SODRÉ, Muniz. **A Sociedade Incivil: Mídia, Iliberalismo e Finanças**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- SOUZA, Jessé. **A Guerra contra o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.
- TIBURI, Marcia. **Delírios do Poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- TODOROV, Tzvetan. **O Espírito das Luzes**. Trad. de Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Barcarolla, 2008.

Recebido em 2021-08-30
Publicado em 2021-09-01